

FLORESTAS

Inpe desautoriza seus próprios dados sobre a devastação da Amazônia

por Hécio Costa
de São José dos Campos

O Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) colocou sob suspeição o último trabalho sobre devastação da Amazônia elaborado através de imagens do NOAA-9, feito pelos pesquisadores Alberto Setzer e Marcos Pereira, do departamento de meteorologia, com base em pontos de queimada identificados pelo satélite. A informação é do diretor de Observação da Terra do instituto, Luiz Gylvan Meira Filho. Os cálculos dos pesquisadores, que revelavam 48 mil quilômetros quadrados da Amazônia devastados em 1989, por 59 mil focos de queimada, estão sendo revisados pelo Inpe.

“As imagens do NOAA-9 não servem para medir desmatamento”, afirmou o diretor do Inpe. Essa é a primeira vez que o instituto reconhece, publicamente, um engano no método adotado no Projeto Sensoriamento de Queimadas por Satélite — Projeto Seque. O método serviu para o anúncio, feito por Setzer, em 1987, de que a “Amazônia está em chamas”. E para a colocação do Brasil em terceiro lugar no “ranking” dos países que mais contribuem para o efeito estufa — aumento de temperatura no planeta, pela queima de biomassa.

O Inpe pedirá aos organismos internacionais que adotam os números do Projeto Seque, como base para seus relatórios sobre devastação e desflorestamento, que ignorem essas informações. Esse pedido já foi feito ao World Resources Institute (WRI), em cujo último relatório (1990) adota uma taxa de desflorestamento de 80 mil quilômetros quadrados anuais para o Brasil, nos anos 80, com base em dados do Projeto Seque. Os números oficiais do Inpe, com base no satélite Landsat, apontam que a

média de desflorestamento na Amazônia, nos últimos onze anos, girou em torno de 21.218 quilômetros quadrados por ano — com uma oscilação, a mais ou menos, de 10%.

Com esses procedimentos, o Inpe desautoriza os números apresentados pelo Projeto Seque. E torna oficial uma posição que vinha adotando internamente, desde que, em 1989, teve início a divergência entre os departamentos de meteorologia e o de sensoriamento remoto, sobre a forma de medição da devastação da Amazônia. Pelas imagens do Landsat, adotado pela equipe de sensoriamento remoto, o resultado era seis vezes menor que os números do NOAA-9. “A relação entre queimada, identificada pelo NOAA-9, e desflorestamento não é direta”, disse Luiz Gylvan Meira Filho.

Segundo ele, o NOAA-9 tem problemas técnicos e práticos. Tecnicamente, os sensores térmicos do NOAA-9 podem sofrer uma saturação, no caso de temperaturas elevadas, o que produz um registro confuso sobre áreas e suas dimensões. Na prática, segundo Gylvan Meira Filho, nem toda queimada resulta em desflorestamento. “A Amazônia é uma floresta úmida e não queima”, acrescentou. Na Amazônia, a queimada ocorre apenas após o desmate — com um tempo mínimo de quatro meses de secagem.

“Muitas vezes, o satélite identifica queimadas em troncos remanescentes de queimadas de dois ou três anos. Não se pode adotar esse método como base de um estudo de desflorestamento”, afirmou. Segundo ele, o NOAA-9 é útil para a missão de identificar focos de queimada — operação feita em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) —, com sucesso. “Não para medir desflorestamento.”